



DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

 **Atena**
Editora

Ano 2021



DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Fenomenologia e cultura: identidades e representações sociais 3

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Maristela Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F339 Fenomenologia e cultura: identidades e representações sociais 3 / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-965-3

DOI 10.22533/at.ed.653211504

1. Fenomenologia. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Carneiro, Maristela (Organizadora). III. Título.

CDD 142.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Não conhecemos a realidade senão através de uma vasta cadeia de filtros, aos quais atribuímos diferentes nomenclaturas – imaginário, mundo das ideias, percepções, identidades, representações. De certa forma, essa afirmação é um tipo de clichê recorrente nos estudos da grande área das Humanidades, o que, todavia, não a torna vazia de sentido. As palavras encapsulam compreensões complexas, assim como diversos recursos comunicacionais e formas de arte, que são tentativas humanas de interpretar o que está ao seu redor e responder de uma forma que seja interpretável, o que produz uma imensa coleção de linguagens e arquétipos, todos estes meios, à sua própria forma, representações.

Representações de ideias, de objetos, pessoas, grupos, povos, países, equipes esportivas, cidades, ícones religiosos... É certo que o mundo, os acontecimentos que nele se desenrolam e as pessoas ao nosso redor são entidades só suas, inatingíveis para nós em sua forma mais essencial, e só podemos nos apropriar delas quando criamos palavras (e, portanto, conceitos) que as descrevem ou quando elaboramos enunciados explicativos, sejam eles saudações, discursos políticos, poemas ou selfies. Todos são descrições de algo, imagens de algo, apresentações de algo por alguém, re-apresentações – destarte, representações.

Parece pessimista pensar de tal forma. Que toda tentativa de comunicação é uma “mensagem numa garrafa” enfrentando a violência e a inconstância do mar, sem que aquele que a enviou jamais possa ter certeza de que sua missiva chegará ao destinatário previsto, no momento certo e em perfeitas condições. Palavras, imagens, sons, gestos: todos estes esforços comunicativos são, afinal de contas, tentativas. Há ruídos de interlocução que impedem uma suposta troca perfeita de representações: há mentiras, há ironias, há variações linguísticas.

Todavia, essa margem ampla de significação que é inerente à toda forma de representação guarda sempre uma generosa oportunidade: a de debater e problematizar os conceitos guardados naquilo que é representado. É através dessa dinâmica de desconstrução do que é tido como convencional e estabelecido de maneira pétrea que línguas ou narrativas históricas, por exemplo, podem ser revistas e reelaboradas.

Este e-book reúne uma variedade de textos que tratam de representações, de formas de se ver e se entender a realidade. Algumas dessas representações são arbitrarias e ancoradas apenas em percepções preconceituosas e ignorantes, outras são frutos de longas trajetórias de trocas simbólicas – o que não as torna menos problemáticas ou dignas de questionamentos. Arquitetura, literatura, paisagismo, gestão urbana, percepções de gênero, todos estes campos são capazes de estabelecer discursos, ocasionalmente por gerações, e cabe a pesquisadores de fôlego como os aqui apresentados, seguir interpretando esses fenômenos.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CULTURA ORDINÁRIA DA CIDADE DE CLEVELÂNDIA COMO EXPRESSÃO DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA BENZEDEIRA

Maralice Maschio

DOI 10.22533/at.ed.6532115041

CAPÍTULO 2..... 11

A IMAGEM DO ENSINO: COMO É VISTA UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL PELOS GESTORES LOCAIS

Valéria dos Santos Nascimento

Vanessa Brasil Campos Rodríguez

DOI 10.22533/at.ed.6532115042

CAPÍTULO 3..... 21

BIODIVERSIDADE E IDENTIDADE LOCAL: O POTENCIAL DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS PARA A VALORIZAÇÃO DA AGRICULTURA URBANA DE CURITIBA

André de Souza Lucca

Layssa Kmiecik

DOI 10.22533/at.ed.6532115043

CAPÍTULO 4..... 34

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS MINISTRADAS EM INGLÊS DA PUCRS

Kelvin Milost Arend

DOI 10.22533/at.ed.6532115044

CAPÍTULO 5..... 48

DIÁLOGOS TEÓRICOS COM CHARLES TAYLOR, AXEL HONNET E NANCY FRASER SOBRE RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO DAS MULHERES

Salete da Silva Hoch

Rosângela Angelin

DOI 10.22533/at.ed.6532115045

CAPÍTULO 6..... 60

ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO DE MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Oswaldo Matavel

Marta Maia

Mohsin Sidat

Maria Martins

Sónia Dias

DOI 10.22533/at.ed.6532115046

CAPÍTULO 7	75
FERNANDO CHACEL E A PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM CONSTRUÍDA: A PRAÇA DA VILA OPERADORA DE FURNAS PLANURA/MG	
Maria Eliza Alves Guerra	
Guilherme Silva Graciano	
DOI 10.22533/at.ed.6532115047	
CAPÍTULO 8	93
GESTÃO DE CIDADES COM BASE NAS REFERÊNCIAS CULTURAIS	
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa	
Adriana Silva	
Helena de Oliveira Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6532115048	
CAPÍTULO 9	105
NA BORDA DO QUADRADO AZUL: A DIFUSÃO DA ARQUITETURA BRASILEIRA NO PERIÓDICO <i>LE CARRÉ BLEU</i>	
Marianna Gomes Pimentel Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6532115049	
CAPÍTULO 10	118
O HOMEM E OS LIVROS: OS PRINCÍPIOS NORTEADORES DA LITERATURA DE HOWARD FAST	
Rafael Belló Klein	
DOI 10.22533/at.ed.65321150410	
CAPÍTULO 11	131
OS DESAFIOS DA REPATRIAÇÃO DE BENS PATRIMONIAIS: UMA DISPUTA NO CAMPO DA POLÍTICA INTERNACIONAL	
André Portela do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.65321150411	
CAPÍTULO 12	143
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTRUÍDAS POR RAPAZES GAYS SOBRE “MODOS DE VESTIR GAY”	
Adair Marques Filho	
Ana Lúcia Galinkin	
DOI 10.22533/at.ed.65321150412	
CAPÍTULO 13	161
SARAUS E SERESTAS EM GOIÁS: PROCESSOS IDENTITÁRIOS E INTERAÇÕES COM A MODINHA	
Ludmylla Cristina Guilardi	
Magda de Miranda Clímaco	
DOI 10.22533/at.ed.65321150413	

CAPÍTULO 14.....	174
A VERDADE E A PÓS-VERDADE SOB A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN	
Alexandre Ribeiro Martins	
Geraldo Magela Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.65321150414	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	188
ÍNDICE REMISSIVO.....	189

CAPÍTULO 1

A CULTURA ORDINÁRIA DA CIDADE DE CLEVELÂNDIA COMO EXPRESSÃO DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA BENZEDEIRA

Data de aceite: 01/04/2021

Maralice Maschio

Faculdade Municipal de Educação e Meio
Ambiente/FAMA
Clevelândia/PR
Laboratório de Pesquisa em Memória, Cultura
e Natureza/UEPG
Ponta Grossa/PR
Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG
Ponta Grossa/PR
<http://lattes.cnpq.br/6501338935906040>

RESUMO: O presente texto faz parte do projeto de pesquisa de pós doutorado “Entre religiosidade e meio ambiente: práticas socioculturais de benzimento em Clevelândia/PR”, desenvolvido no Laboratório de pesquisa Memória, Cultura e Natureza da Universidade Estadual de Ponta Grossa. De um conjunto de 14 entrevistas com benzedeadas, sendo 11 católicas, selecionamos uma entrevistada para o diálogo expressando o que teoricamente, alicerçando-nos em Raymond Williams conceituamos “cultura ordinária” na cidade, o catolicismo, que envolve o terreno das benzedeadas. Nessa direção, por intermédio da História Oral, o presente texto parte do lugar de fala de uma benzedeadas clevelandense, tendo por objetivo entender um pouco do universo de valores estabelecidos nas complexas relações cidadãs. As narrativas se tornam ricas na medida em que revelam diferentes experiências marcadas por memórias que, ao serem reveladas, podem contribuir para o enriquecimento da história

local e regional. Trata-se de ideias e costumes que não são apenas obras das gerações passadas e, também, mantidas no passado; Elas representam práticas socioculturais, construídas no tecido sociocultural, contribuindo para a abertura, através do diálogo com a fonte oral, de conceitos como gênero, meio ambiente, cultura, catolicismo, entre outros.

PALAVRAS - CHAVE: Gênero. Meio Ambiente. Cultura. Catolicismo. Benzedeadas.

ABSTRACT: This text is part of the postdoctoral research Project “Between religiosity and the environment: socio-cultural practices of benzimento in Clevelândia/PR”, developed at the Research Laboratory Memory, Culture and Nature of the State University of Ponta Grossa. From a set of 14 interviews with healers, 11 of whom were Catholic, we selected and interviewed for the dialogue expressing what theoretically, based on Raymond Williams, we conceptualize “ordinary culture” in the city, Catholicism, which involves the land of the healers. In this direction, through Oral History, this text starts from the place of speech of a clevelandense healer, aiming to understand a little of the universe of values established in the complex city relations. The narratives become rich in that they reveal different experiences marked by memories that, when revealed, can contribute to the enrichment of local and regional history. These are ideas and customs that are not only Works of past generations, but also maintained in the past; They represent socio-cultural practices, built on the socio-cultural fabric, contributing to the opening through dialogue with the oral source, of concepts such

as gender, environment, culture, Catholicism, among others.

KEYWORDS: Gender. Environment. Culture. Catholicism. Blessings.

1 | INTRODUÇÃO

Então a Sabedoria

Popular, se apresentou:

-Eu represento a mim mesma

Desde quando aqui estou

Confesso que vim primeiro

Do que qualquer um doutor!

(VIEIRA, Antônio. **Literatura de Cordel:** A peleja da ciência com a sabedoria popular. Novembro, 2002).

Se considerássemos apenas a dimensão coletiva, o “conjunto” das benzedeadas na cidade, como sugerir o direito de cada uma delas à memória e história local e regional?

Ao lançar a pergunta, para discentes e docentes da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, se alguém conhecia benzedeadas/os na cidade, em menos de uma hora surgiram 25 nomes nos grupos de Whatsapp. Nessa direção, parece que a noção de desaparecimento de saberes populares, tais como os praticados por benzedeadas não procede; pelo menos em Clevelândia.

De um conjunto de treze entrevistados até o momento, escolheram-se fragmentos da narrativa de uma delas para revisitar aspectos da cultura popular cidadã. Neste caso, “a problemática epistemológica, associada à forma como o objeto histórico é definido, remete ao próprio fazer da história oral, centrada nos processos de rememoração” (MONTENEGRO, 2013, p. 21). Eis um pouco do ofício de descamar o terreno da religiosidade, da vida, do meio ambiente, da tradição e histórias da cidade, através da produção de entrevistas num experimento de igualdade, como nos desafia pensar Alessandro Portelli (1997).

2 | APRESENTANDO A CIDADE

Cidade é um construto que combina concentração demográfica num território contíguo, divisão social do trabalho no seu interior e diferenciação sociocultural entre seus habitantes (FALCÃO, 2010, p. 12).

Clevelândia, a cidade mais antiga do Sudoeste do Paraná comemorou, no dia 28 de junho de 2019, 127 anos de emancipação política. Segundo IPARDES (2018), a população

estimada era de 16.671 habitantes, incluindo os distritos de Coronel Domingos Soares e São Francisco de Sales. Entre área rural e urbana trabalham em torno de 8801 mulheres e 8439 homens. O maior número de indivíduos, por faixa etária na cidade, concentra-se entre crianças (de 1 a 10 anos) e idosos (acima de 50 anos).

A região é predominantemente agrícola. Clevelândia produz soja, milho, feijão e trigo, juntamente da cultura permanente, que é a erva-mate, seguida da uva e da laranja. O ramo pecuarista caracteriza-se pela criação de aves, bovinos e suínos e a produção de origem animal é concentrada no leite, mel de abelha e de lã. Na cidade há, também, exploração mineral de rocha e pedra-brita.

Num primeiro momento mapeamos trabalhos acadêmicos nas instituições de ensino superior públicos e privados da região. No que diz respeito à religião e religiosidade encontramos um total de 14 produções, especialmente trabalhos de conclusão de curso. A maior expressão está nos cursos de Geografia e de Direito, na Unioeste/Campus de Francisco Beltrão e no Instituto Federal Tecnológico do Paraná/Campus de Pato Branco, com maior incidência temática entre os anos de 2017 e 2018. O que chamou a atenção nesse índice foi a identidade africana, valorizada na região. Afinal, esta é caracterizada por forte tradição cristã católica e, nos últimos anos, com acréscimo da presença dos evangélicos. Por outro lado, existe uma abundância de trabalhos discutindo questões ambientais nas faculdades e universidades da região. Entre 1999 e 2019 contabilizamos 414 produções, sendo 249 apenas da UNICS, instituição anterior ao Instituto Federal do Paraná/Campus Palmas. As temáticas variaram entre: política ambiental, direito ambiental, educação ambiental, planejamento urbano, prevenção e preservação ambiental.

Aproximando-se da proposta do projeto de estágio de pós-doutoramento, que trata de gênero, religiosidade e meio ambiente, com ênfase nas trajetórias de benzedeadas da cidade de Clevelândia e região, chamou-nos atenção, especialmente, as abordagens sobre plantas/ervas medicinais como forma de tratamento, especialmente nos cursos de química e de ciências biológicas, a partir de 2010, ano de fundação do Instituto Federal/Campus Palmas. A valorização de plantas e seu manuseio em pesquisas científicas representam não apenas a diversidade existente na região, mas os diferentes modos como elas têm sido cultivadas e utilizadas. Para fins medicinais, por exemplo, encontrou-se o maior número de produções. O índice talvez expresse uma preocupação com a saúde da população na região, seguido da medicina natural como forma de tratamento, desde doenças físicas até doenças psicológicas como depressão e ansiedade.

Após o levantamento e a observação numérica surgiu a possibilidade de trabalhar com benzedeadas, que preferencialmente fizessem uso de ervas/plantas medicinais em suas práticas de benzimento. Desde minha infância na cidade, por exemplo, visitar benzedeadas e fazer uso dos medicamentos produzidos por elas é uma prática comum.

3 | A CULTURA ORDINÁRIA NA CIDADE

Práticas socioculturais como fazer histórico representam abordagens e desafios teórico-metodológicos do ofício historiográfico. Mas não apenas isso, neste caso expressam como, através de narrativas orais, é possível aproximar tempos e espaços diversos, explicitando pluralidades e evidenciando o rural e o urbano, com suas marcas e sinais. As práticas de benzimento atreladas às trajetórias de vida das benzedadeiras são pensadas a partir de sua constituição e do seu papel constituinte do social e não simplesmente como vinculações exclusivas no nível das linguagens.

A entrevistada Jandira Dal’Olmo, conhecida benzedeira da cidade, assim relata sua confissão e autorização paroquial no que diz respeito à prática de benzimento em sua vida:

Jandira: Eu cheguei lá [Na Igreja] e falei com a secretária: eu quero falar com o padre! [...] Daí eu contei isso pra ele, contei isso que tinha, aquela aparição que veio pra mim [de Nossa Senhora e dos anjos crianças]. Daí ele pegou as minhas mãos e abençoou. Mandou eu abrir as mãos e me abençoou. Daí ele disse pra mim: você vai ajudar muita gente! Você vai curar muita gente! Esse foi um dom que Nossa Senhora pôs na tua vida pra você curar as pessoas, libertar as pessoas e curar e vai ter gente que vai te procurar pra você fazer oração pra essas pessoas. Eu disse capaz padre! Ele disse sim, você recebeu de Nossa Senhora e você vai ajudar as pessoas, você não pode se negar. Daí ele me abençoou e daí eu fui pra casa, comprei a bíblia e fui pra casa. Dito e feito, começaram a me procurar...

Dona Jandira, rezadeira, nos faz pensar a Igreja Católica. O catolicismo que nos apresenta é o catolicismo da vivência, das práticas diárias e do cotidiano, e fazem parte, assim a participação nos sacramentos da Igreja, daquilo que constitui sua religiosidade e sua religião, os usos, sentidos e significados de algumas interfaces de “ser católico” no espaço cotidiano e citadino onde que se inserem. Sua experiência está relacionada à dos leigos e das práticas populares, mas também dos ministérios da Igreja, com certa autonomia.

A primeira Igreja de Clevelândia data de 1903, sendo transferida em homenagem aos padres claretianos, aprovada pela Câmara dos Vereadores de Clevelândia, para o considerado “Cartão Postal” da cidade, localizado na Praça Getúlio Vargas, a sede da Paróquia Nossa Senhora da Luz. Segundo o Portal digital Meiga Terra [em vídeo gravado, reproduzido e armanezado On line], na cidade, o templo católico teve seu projeto doado pelo arquiteto Rubens Meister (que projetou o Teatro Guaíra, de Curitiba/PR), inaugurado em 8 de setembro de 1969, dia da padroeira da cidade, pelo pároco Abramo Franklin. A Igreja é uma das únicas de pedra do mundo, em estilo “Arte Gótica”, fruto da Idade Média.

Segundo populares, suas pedras foram extraídas da margem direita do Rio Banho, onde o curso banha o Paraná. Possui 1.250 metros quadrados e sua torre tem 35 metros. É revestida em suas laterais por vitrais alemães, que são ligados a textos bíblicos (<https://www.facebook.com/PortalMeigaTerra/>)

Vários são os aspectos que marcam a trajetória do Cristianismo, mas também do catolicismo e da História, em Clevelândia e região. Dentre eles está a presença do Monge José Maria, a Questão das Missões, do Contestado, práticas populares como a do benzimento, a construção de estradas, o tropeirismo, a presença indígena, a disputa entre europeus e colonizados. Segundo Taíza Gabriela Zanatta Crestani, em sua dissertação de Mestrado sobre o Terreiro Espírita de Umbanda São Jorge, no que se refere ao catolicismo institucionalizado:

Um aspecto que nos chama a atenção é que justamente quando a Igreja Católica firma raízes concretas na localidade e passa a interagir com a população de forma metódica, Nossa Senhora da Luz, que é uma figura de forte representatividade entre os luso-brasileiros (familiarizados com as práticas de devoção popular), é nomeada padroeira da Paróquia. Assim, podemos compreender a figura da santa enquanto elo que interliga a face popular e a face erudita do catolicismo (CRESTANI, 2018, p. 46).

O trecho acima foi selecionado para representar parte do contexto explicitado pelo trecho da fala de dona Jandira, anteriormente citado, de nossa entrevistada. Ao narrar sua conversa com o padre, seu sonho com Nossa Senhora e os anjos em forma de criança, juntamente com a autorização para o benzimento, ela denota parte da problematização conjuntural feita por Crestani, além do indicativo da fixação do catolicismo metódico católico e da familiaridade com práticas de devoção popular. A seguir, quando questionada sobre o início de sua história com o benzimento ela comenta:

Olha, essa história de benzimento... Quando eu era menina, a minha avó me ensinou. A minha avó Tereza, ela benzia. Minha avó Tereza benzia e daí ela me ensinou, tudo o que eu sei até hoje foi ela que me ensinou. Eu tinha uns 13, 14 anos. (...) Com certeza [aprendeu] com os pais dela, os bisos, porque eu não conheci esses. Os pais dela não. Os bisos decerto que ela trouxe de lá, daquelas geração antiga, né? [...] Começou lá quando eu vim morar em Santa Isabel, daí me deu amarelão muito bravo. Só que eu sabia o benzimento, mas não sabia o remédio. Daí eu procurei um senhor bem de idade. Hoje já é morto há muitos anos. Daí quando eu me curei do amarelão, que eu tava boa, daí ele foi e disse assim pra mim: agora eu vou te dar umas dicas pra que você possa ajudar muita gente, porque eu uma hora morro, tô velhinho já, daí você vai ajudar as pessoas. Daí ele me deu as explicações das ervas, como fazia tudo. Só que eu não me dediquei porque eu pensava assim: eu benzer? Mas fiquei. Daí nós morávamos em Santa Isabel D'Oeste e daí tinha falecido dois irmãos do meu ex-marido, de câncer na garganta. Um cada dois anos ia. Daí quando foi lá umas épocas, fazia o quê? uns 6 meses que o outro tinha morrido, atacou a garganta no meu ex-marido. [Grifos nossos]

A fala de dona Jandira não reflete apenas sua especialidade: benzer e fazer o remédio para o amarelão. Indiretamente, é possível inferir a multiplicidade de suas práticas: desde benzer para “bichas” (verminoses, quebrante, olho gordo), machucaduras, doenças

crônicas e/ou incuráveis até aconselhamento dos mais diversos, presencialmente e à distância [por celular]. Nesse sentido, uma vez que recebe público, conduzido, algumas vezes, por funcionários inclusive do Setor de saúde municipal da cidade, do lar dos idosos, entre outros, além de benzer em ambientes como o PA do bairro onde reside, em momentos de consulta (uma vez que é portadora de diabetes), as práticas de benzimento de nossa entrevistada selecionada para o presente texto, permitem o levantamento de alguns questionamentos: a necessidade de benzer demandas grandes e variadas, tem relação com a precariedade do acesso aos serviços de saúde formal? No campo e na cidade é preciso benzer e curar de maneira relacionada à fé como alternativa única na cidade? Da mesma forma, sabendo-se da existência de formas científicas de cura em que medida elas estão ao alcance dos munícipes? Quem acessa os saberes médicos?

Dizemos isso, porque

Destaca-se que até 1890 não se tem notícias da instalação de instituições de saúde (hospitais e enfermarias) no cenário clevelandense. Deste modo, o desenvolvimento de estratégias de intervenção e cuidado à saúde dos moradores locais também ficavam a cargo de leigos, que frequentemente recorriam à religiosidade para conferir significado aos sinais e sintomas de sofrimento (físico e psicológico). Aqueles que se dispunham a compartilhar o conhecimento reunido a partir deste exercício, prestando atendimento à população, eram frequentemente referenciados como “remedieiros/as” e “curandeiros/as”. Estas condições permitiam que as queixas fossem acolhidas em seu contexto de origem (...) de um modo geral os próprios curandeiros estavam à mercê das mesmas circunstâncias que afetavam os enfermos, e tentavam auxiliá-los levando em consideração a própria experiência de vida. Assim, a filiação cultural destas práticas deixava-se transparecer no conteúdo das orações, nas nomenclaturas atribuídas às doenças, nas formas específicas de propor soluções para os obstáculos cotidianos e de teorizar sobre o futuro (CRESTANI, 2018, p. 31).

Embora estejamos falando, historicamente, de mais de um século, a narrativa de dona Jandira também revela práticas de benzimento existentes e que permanecem, na cidade, há mais de um século. Nesse sentido, ficou de herança para atender uma necessidade que permanece ocorrendo em Clevelândia? A política pública tem outros objetivos/caminhos. No entanto, permite tal herança, numa contradição de deslegitimação (para se firmar como conhecimento superior) ao mesmo tempo em que deixa acontecer, pois não alcança todas as demandas?

A questão das doenças, historicamente não resolvidas pela medicina, parece caber aqui. O estigma do câncer, por exemplo. Sendo, dependendo do tipo, uma doença tratável, mas incurável, essa, deixa para fé, para os benzimentos, para aquilo que determinados médicos não convencionam, atrelam ou aceitam como aporte ou alternativa ou, até mesmo, que a medicina possa considerar desimportante. Há uma hierarquia de doenças. Mas, também existe o seguinte fato: se a benzedeira benze das “bichas”, benze de câncer. No entanto, as duas podem levar à morte. Nesse sentido, quem seleciona para qual doença a

cura é mais nobre?

Williams nos serve de teórico diante da pertinente e realista discussão que constrói “sobre campo e cidade”: campo visto como lugar de atraso, cidade como lugar de desenvolvimento. Contudo, “a estrutura de sentimentos” do sujeito do campo não se desfaz pelo fato de sair do campo e morar na cidade, por exemplo, porque suas experiências e suas aprendizagens acontecem por intermédio de todos os sentidos. Para o autor, a vida do campo e a vida da cidade são móveis e presentes: “move-se ao longo do tempo, através da história de uma família, de um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”. (WILLIAMS, 2011, p. 21)

Entretanto, respeitamos, também, a discussão de Ingold (2008), de que aprendizagens se dão a partir dos sentidos, não somente os operacionalizados pela racionalidade. “A percepção não é uma operação dentro-da-cabeça, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo” (INGOLD, 2008, p. 2). Assim, as percepções do ambiente, inclusive às relacionadas aos sentidos do corpo se constroem de forma diferente para cada cultura, pressupostos sobre a preeminência da visão de que não são aplicáveis interculturalmente (INGOLD, 2008, p. 19).

Desse modo, os conceitos que temos hoje de campo e cidade implicam em complexas teias de relações que, em movimento, expressam construções históricas, por vezes, relacionados ao campo como lugar de tranquilidade e a cidade como lugar de desenvolvimento. Por isso, ao tratar de sentimentos e relações também estamos tratando de atividades humanas, da relação dos sujeitos com o ambiente rural, que também expressa culturas e identidades. Ao tratar de sentimentos e relações de trabalhos inscritos, portanto, faz-se necessário buscar desnaturalizar algumas questões identitárias, o que pode conduzir a uma retomada de práticas em modos de pedidos de dons divinos, por exemplo.

4 | O PEDIDO E A PROMESSA

A cidade, por si só, parece não ter dado respostas às necessidades de saúde dos sujeitos. Com isso, as experiências em obter a saúde no campo permaneceram e aparecem em formato de pedido:

Eu disse: meu Deus! Aquela doença! Eu disse! E dois irmãos já tinha ido, né?! Daí eu pensei assim: meu Deus, o que que eu? Me agarrei com Deus! Daí lá em Santa Isabel tinha um santuário de Nossa Senhora Aparecida. Daí eu fiz uma promessa: se Nossa Senhora defendesse ele daquele mal da garganta que era, tava que não engolia mais nada e inchada a garganta e o médico disse que não era nada, eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora Aparecida de eu fazer nove novena no santuário e daí agradecer ela, que aquela doença não viesse nele.

O sentimento de medo, demonstrado no fragmento de narrativa da entrevistada, fica expresso em seu pedido para que Nossa Senhora Aparecida evitasse “o mal do câncer”, na saúde de seu primeiro companheiro. Consequentemente, o pagamento da promessa diante do alcançado. Assim inicia a trajetória de dona Jandira entre saber o que lhe foi passado para a cura do amarelão e a permanência da tradição católica familiar herdada.

A chegada da entrevistada em Clevelândia é apresentada junto ao início do “ofício de benzer”. Logo, a eleição e o juramento são narrados envoltos à autorização e legitimidade católica para benzer. Em suas palavras:

Depois que aquele senhor me deu a explicação pra mim fazer remédio pro amarelão, que eu comecei, não pararam mais de me procurar, nós viemos embora pra cá. Daí eu fui muito pra igreja, né? Particpei 14 anos só dos Carismáticos e muitos louvores. Fui 9, quase 10 anos intercessora. Daí no dia de um retiro que nós tivemos aqui na matriz, nós estávamos em 190 pessoas e fomos escolhidos em 9, que tinham o dom da cura e libertação. Daí nós fizemos o juramento pro Santíssimo, de joelhos, com as mãos na cabeça de joelhos e daí o padre Roberto ungiu as mãos, a cabeça e os pés, pra mim curar e libertar as pessoas através do Espírito Santo e dos poderes de Deus. E nós juramos de joelhos pro Santíssimo. Em nove pessoas. De 190, só 9!

Dona Jandira se encaixa nas três categorizações para benzedores, elaborada por Gil e Silva (2019), dialogando com Torralba Roselló (2009), visando elaborar formas de explicar as diferentes expressões encontradas entre as benzedoras/os entrevistados, na região de Pelotas, no Sul do Brasil:

a) benzedores de tradição, ou seja, aqueles que haviam aprendido as rezas e rituais com algum familiar ou alguém próximo a eles, que se viu no dever de fazer seguidores; b) benzedores de dom, os que tinham recebido um aviso, um sinal, em momentos especiais de suas trajetórias, de que deveriam cuidar dos outros, tendo em vista ser esta uma ação edificante, sobretudo na perspectiva interior do termo e, ainda, c) benzedores de religião, especialmente vinculados aos cultos afro-brasileiros, que costumam ter, em seus centros de atendimento, uma pessoa dedicada a fazer rezas e orações com o sentido de amenizar a dor de pessoas que sofrem e que confiam em outras formas de tratamento e cura, além daquelas baseadas na tradição biomédica. (GIL; SILVA, 2019, p. 665)

A diferença está no quesito “benzedores de religião”, porque costumam vincular-se aos cultos afro-brasileiros. No caso de Jandira, é possível explicar a prática pela religião, porém católica; uma benzedora dedicada a fazer orações para amenizar dores, sofrimentos e crença na cura. Não são apenas as ervas para o amarelão, sua especialidade, mas a expressão religiosa predominante no modo de aconselhamento, no espaço da casa, no rosário que não sai das mãos durante o benzimento, na imagem de Nossa Senhora Aparecida na sala, fazendo jus ao pedido, à promessa, à eleição e o juramento, dentro e fora do templo católico e, não menos importante, representando o catolicismo como possível “cultura religiosa cristã”, ordinária na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Robson Laverdi ao discutir sobre Raymond Williams e a história oral: aproximações social-constitutivas, chama nos atenção para que, quando entrevistamos pessoas para um projeto ou atividade de História Oral, tenhamos em mente preocupações e responsabilidade com a sociedade que vivemos. Estas são tomadas a partir de situações e questões específicas, tantas vezes moldadas por seus próprios emblemas construídos. A contribuição de Williams está, nesse sentido, articulada aos modos de auxílio nessa compreensão. Afinal, em toda sua trajetória, o autor destacou necessidades de não buscar a compreensão da sociedade como abstração de sua unicidade e uniformidade. Convidou para que problematizemos questões políticas ao assumirmos horizontes totalizantes, em termos de sociedade.

Sua contribuição da teoria cultural buscou acentuar o valor ativo e específico da cultura como uma prática social cambiante, não de uma sociedade dada e acabada, como muitos já concebiam em seu universo intelectual de pertencimento. Nos termos desse debate, Williams sempre procurou considerar não a totalidade como objeto em si mesmo no âmbito da crítica da cultura, mas sim quanto aos modos específicos e ativos do fazer dos homens no tempo em relação a uma totalidade social. Em termos mais simples, o autor não buscava apreender criticamente a sociedade como um bloco histórico constituído, mas como um complexo de relações sociais específicas, portanto históricas, inter-relacionadas como *estruturas de sentimentos*. Esse aporte teórico (...) abre sensibilidades impressionantes para o praticante de HO (LAVERDI, 2013, p. 49).

Tendo em vista a discussão proposta pelo autor acerca de Williams e a prática teórica metodológica da História Oral concordamos que, falar de cultura ordinária, no caso da cidade de Clevelândia, não permitiria discutir práticas religiosas sem inferir ao campo do Catolicismo. No entanto, também acreditamos ser de suma relevância levar em conta outras dinâmicas pouco exploradas pela historiografia e que são marcantes na História do município e da região. São exemplos a presença indígena, especialmente Kaingang e a violência sofrida por eles, espíritas de modo geral, protestantes, pentecostais e evangélicos como um todo, terreiros e práticas de matrizes afro, além de tantas outras práticas envolvendo crenças e religiosidades tradicionais/populares ou não, além do uso de ervas e plantas medicinais em benzimentos, processos de cura e tratamentos alternativos.

REFERÊNCIAS

CRESTANI, Taíza Gabriela Zanatta. **“Uma grande peneira”: O processo de legitimação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (Clevelândia/PR)**. Toledo/PR: Unioeste, 2018. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais).

Entrevista Jandira Dal’Olmo. 08 de junho de 2019. [Acervo da pesquisadora]

GIL, Lorena Almeida; SILVA, Eduarda Borges da. "O cuidado com os outros: A benzedura no Sul do Brasil". In.: **Tempos Históricos**. Vol. 23. 1º Semestre de 2019. p. 663-689.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Ponto Urbe** [Online], v.3, jan. 2008.

IPARDES – Instituto Paranaense de desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno Estatístico Município de Clevelândia**. Maio de 2019.

LAVERDI, Robson. Raymond Williams e história oral: aproximações social-construtivas. **Desde las profundidades de la historia oral**. Buenos Aires: Imago Mundi, 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memórias: a cultura popular revisitada**. 6ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 15, 1997.

URL: <https://www.facebook.com/PortalMeigaTerra/videos/481709282646740/>[Acesso em 16 de Outubro de 2019].

URL: https://www.academia.edu/31071391/Profiss%C3%A3o_de_Benzedor?auto=download Acesso em 29 de Novembro de 2019.

VIEIRA, Antônio. **Literatura de Cordel: A peleja da ciência com a sabedoria popular**. Novembro, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história da literatura**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

A IMAGEM DO ENSINO: COMO É VISTA UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL PELOS GESTORES LOCAIS

THE INSTITUTIONAL IMAGE OF TEACHING: HOW AN EDUCATIONAL INSTITUTION IS SEEN BY LOCAL MANAGERS

ÍNDICE REMISSIVO

A

Americanismo 118, 125, 127, 128

Arquitetura 5, 8, 75, 78, 82, 91, 92, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 116, 117

Axel Honnet 7, 48, 49, 57, 58

B

Benedeiras 1, 2, 3, 4, 8

Biodiversidade 7, 21, 22, 23, 25, 31, 32

C

Catolicismo 1, 4, 5, 8, 9

Charles Taylor 7, 48, 49, 50

Comunicação 5, 13, 17, 18, 19, 21, 22, 30, 35, 36, 65, 101, 103, 106, 119, 139, 144, 145, 146, 158, 159, 174, 175, 176, 178, 187, 188

Comunismo 118, 120, 122, 127, 128

Cultura 2, 7, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 18, 23, 30, 31, 32, 48, 49, 54, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 106, 145, 152, 157, 158, 165, 168, 186, 188

D

Desenvolvimento Local 11, 13, 15, 17, 19, 103

Design para Territórios 21, 23, 24, 28

Disciplinas 7, 34, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 45, 46

Discriminação 7, 50, 51, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 154, 157

Discurso 82, 103, 131, 133, 134, 135, 137, 138, 145, 175, 185

E

Ensino Superior 3, 11, 12, 34, 35, 36, 37, 45, 188

Estados Unidos 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 130, 138, 157

F

Fernando Chacel 8, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 88

G

Gay 8, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Gênero 5, 1, 3, 51, 56, 58, 72, 118, 143, 147, 148, 154, 156, 159, 161, 165, 166, 168, 169, 170, 172, 173

Gestão Educacional 11, 188

Gestão Estratégica 11, 13, 14, 18, 19

H

História 1, 2, 5, 7, 9, 10, 37, 55, 59, 84, 85, 93, 103, 104, 105, 113, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 128, 130, 131, 132, 133, 141, 142, 159, 173, 174, 175, 188

Historiografia 9, 77, 105, 106, 108, 117, 162, 168, 170

I

Identidade 7, 3, 13, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 59, 97, 98, 101, 106, 127, 131, 132, 133, 134, 137, 143, 147, 149, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 162, 173

Identidade local 7, 21, 23, 98

Idioma Global 34, 35, 36

Imagem organizacional 11, 12, 13, 18, 19

Inglês 7, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 45, 46

Internacionalização 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 93, 95, 97, 98, 103, 136

Internacionalização em casa 34

L

Le Carré Bleu 8, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117

Literatura 5, 8, 2, 10, 23, 24, 35, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 128, 130, 165

M

Masculinidades 143

Meio Ambiente 1, 2, 3, 83, 96, 98, 110

Moçambique 7, 60, 61, 62, 72, 73

Moda 143, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160

Modinha 8, 161, 162, 165, 168, 169, 170, 172, 173

Modos de Vestir 8, 143, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158

Mulheres 7, 3, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 100, 120, 147, 148, 152, 158, 160, 170

N

Nancy Fraser 7, 48, 49, 53, 57, 58

P

Paisagismo moderno 75

Patrimônio 75, 91, 94, 99, 103, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Plantas alimentícias não convencionais 7, 21, 32

Pós-Verdade 9, 174, 175, 176, 177, 183, 184, 185, 186, 187

Processos identitários 8, 161, 162, 163, 173

R

Reconhecimento 7, 23, 24, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 78, 94, 96, 99, 100, 102, 119, 127, 132, 154

Representações Sociais 2, 8, 69, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 168

Restituição 131, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142

S

Saraus 8, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 172, 173

Serestas 8, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Sociedade Goiana 161, 162, 163, 165, 168, 172, 173

T

Teorias 19, 48, 51, 57, 58, 143, 145, 156, 160

V

Verdade 9, 16, 122, 125, 149, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187

VIH/SIDA 60, 63, 67, 69, 71, 73

Vilas Operadoras 75, 76, 77, 79, 91, 92

Vulnerabilidade 50, 60, 62, 69, 70, 72

W

Wittgenstein 9, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

 **Atena**
Editora

Ano 2021